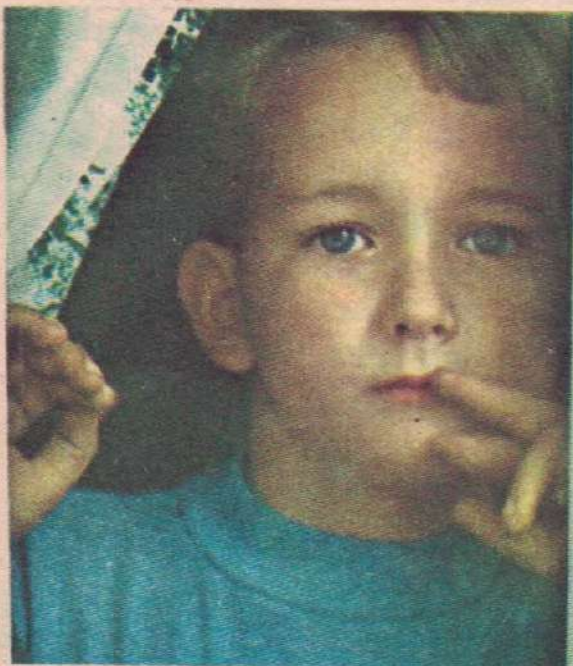


O Menino Que Não Morreu

Nenhum ser humano jamais conseguira sobreviver à terrível doença conhecida por raiva. A persistência de três médicos — e de um garoto de seis anos — revolucionou a história da medicina

ALLEN MACWEENY



Matt Winkler

LONGE das cidades, nos campos do interior onde isto aconteceu, ainda se podem ver as estrelas na grande abóbada do céu. A Lua aparece imensa e amarela e vai-se transformando aos poucos numa pérola fosforescente à medida que sobe no horizonte. Rapôsas correm pelas margens dos campos cobertos de luar. Gambás rastejam por valas sombrias, morcegos sobrevoam as fazendas cultivadas e silenciosas. O cenário é bucólico e a atmosfera é doce. Mas nem sempre, pois tanto a rapôsa, como o gambá ou o morcego, podem estar hidrófobos.

Certa noite, um morcego estava, e mordeu uma criança. Essa dentada foi o início de um período de angústia para um casal ainda jovem e de uma fase de trabalho intenso para três médicos moços. Além disso, veio pôr fim a uma antiga indagação da medicina que se tem arrastado à sombra do pavor

RICHARD RHODES

CONDENSADO DE REDBOOK (AGOSTO DE 1971). © 1971 DE THE MCCAIG PUBLISHING CO., 230 PARK AVE., NOVA YORK, N. Y. 10017

e da morte por mais de 2.000 anos.

Os pais da criança, Nick e Verna Winkler, cresceram no Oeste de Ohio, perto da cidade de Rockford; quando casaram, Nick instalou-se na casa de campo que seu avô construía em 1888. Com o nascimento dos filhos, primeiro Matt, em seguida Valerie, cada um ganhou o seu quarto espaçoso no segundo andar. Era uma família feliz, satisfeita de viver no campo.

Foi quando se deu o episódio da noite de 10 de outubro de 1970. Matt, um garoto de seis anos de idade, espontâneo e louro, e Valerie, uma menininha de quatro anos, dormiam nos seus quartos. Eram 10 horas da noite. De repente, ouviu-se um grito, logo seguido de outro. Verna precipitou-se escada acima, entrou correndo no quarto de Matt, viu aquela coisa peluda pendurada no seu polegar, e chamou pelo marido. Nick acudiu correndo, arrancou a coisa e prendeu-a na mão fechada. Era um pequeno morcêgo marron, que nesse instante abria e fechava inútilmente a bôca côr-de-rosa.

Lembrando que morcegos podem transmitir a raiva, Nick colocou o pequeno animal dentro de um vidro. Verna lavou bem as marcas dos dentes no polegar de Matt e embebeu as feridas em álcool. Matt acabou por adormecer novamente.

No dia seguinte, Nick levou o morcêgo a um veterinário e o menino ao médico da família. O ve-

terinário enviou o morcêgo para o Laboratório de Saúde Pública de Ohio, na cidade de Columbus. O médico decidiu não submeter logo Matt ao tratamento incômodo, e por vêzes perigoso, da vacina, uma série de 14 injeções diárias, até ter a certeza de se o morcêgo estava ou não hidrófobo.

A resposta chegou de Columbus quatro dias mais tarde. O cérebro do morcêgo estava infectado pela hidrofobia. Matt teria de tomar a vacina. Até aqui, não havia ainda motivo sério para alarme. Milhares de americanos haviam sido submetidos naquele ano a tratamento semelhante, e todos, com exceção de dois apenas, escaparam à doença mortífera.

Quase no fim do tratamento, Verna notou que Matt ia-se deitar antes da sua hora habitual, às 8,30. Na sexta-feira, 30 de outubro, Matt queixou-se de que não estava sentindo-se muito bem. No dia seguinte, o médico achou que era uma gripe, e prescreveu antibióticos.

Na terça-feira, a febre subiu a 40,3 e Matt queixou-se de certa rigidez no pescoço. Voltou ao médico, que, dessa vez, se mostrou intrigado. A febre podia ter várias causas, mas o pescoço rijo? Recorreu ao Dr. John Stechschulte, um destacado pediatra em Lima, a maior cidade próxima, e ambos concordaram que Matt podia estar revelando sintomas de uma reação à vacina anti-rábica. Como medida de precaução, o Dr. Stech-

schulte recomendou que o garoto fôsse internado numa enfermaria de emergência no Hospital Santa Rita, em Lima.

No hospital, o Dr. Stechschulte nada encontrou de estranho ao examinar Matt. A temperatura do menino era elevada, a respiração e o pulso apressados — sintomas comuns em casos de infecção. Os ouvidos, nariz e garganta apresentavam condições normais. O médico fez mover a cabeça de Matt, e não lhe pareceu que o pescoço estivesse rijo. Observou-lhe os reflexos. Tudo normal.

O Dr. Stechschulte julgou que Matt estivesse gripado e disse-o a Verna, se bem que admitisse também a hipótese de uma reação à vacina. Todavia, algo no seu íntimo lhe dizia que não afastasse de todo a possibilidade de hidrofobia. Quase como uma premonição, após receitar antibióticos para a gripe, ele anotou na papeleta do doente: «Apesar de não estar hidrófobo, recomendo evitarem a remota possibilidade de uma dentada da criança.»

O Dr. Stechschulte ri-se hoje desta sua precaução, pois a hipótese de que Matt Winkler tivesse hidrofobia era, a essa altura, quase absurda. Cerca de 100.000 pessoas são mordidas por animais, todos os anos, nos Estados Unidos, e 20.000 são submetidas ao tratamento anti-rábico. No entanto, no espaço de 20 anos, de 1950 a 1969, apenas 138 americanos, medicados ou não, contraíram a

moléstia. É preciso esclarecer que, dêsses 138, nenhum sobreviveu. Desde o início da história da medicina, a hidrofobia era tida como incurável.

Na terça-feira, 10 de novembro, uma semana após a entrada de Matt no hospital e um mês depois de ter sido mordido, ele estava passando tão bem que o Dr. Stechschulte resolveu assistir a uma conferência médica na Flórida. Antes de viajar, trocou idéias sobre o caso de Matt com o Dr. Tom Weis, que trabalhava com ele, e acertaram que, se Matt continuasse apresentando melhoras sensíveis, poderia voltar para casa no fim da semana seguinte.

Na quarta-feira, o Dr. Weis examinou Matt, nas suas visitas diárias, e constatou as melhoras do menino. Ainda que estivesse frequentemente adormecendo, isso nada tinha de alarmante; um simples mal-estar, ou o próprio cansaço de estar ali sem o que fazer, podiam ser os responsáveis pelo sono.

Na quinta-feira, o Dr. Weis examinou Matt novamente. Dessa vez, não ficou nada satisfeito com o que encontrou. Os períodos de sono haviam aumentado e Matt tinha o pescoço rijo. Pediu um exame do líquido da espinha de Matt. Continha glóbulos brancos, sinal de inflamação no sistema nervoso. «É muito raro que a reação a uma vacina cause tão longa enfermidade», diz o Dr. Weis, «o que me levou a pensar que Matt

tivesse contraído uma outra espécie de vírus, de fundo nervoso. Permanecia ainda inteiramente improvável a hipótese de hidrofobia.»

Na sexta-feira, novo exame de rotina. O Dr. Weis anotou na papelada de Matt: «Condição estacionária. Continua com pouca febre e sonolento, mas reage bem e fica esperto... Nenhum sintoma evidente de raiva.»

Foi na manhã de sábado que a situação se agravou. Na noite anterior, o menino conversara sem dificuldades com o médico. Agora, de repente, a fala tornara-se desconexa. Uma hora mais tarde, Matt não conseguia mais falar. Tinha, nitidamente, o cérebro bastante afetado. «Observei Matt durante mais de uma hora», diz o Dr. Weis, «e passamos desde então a admitir a terrível possibilidade de hidrofobia.» (Exames de sangue subsequentes confirmariam a doença.)

Enquanto Matt submergia num estado de semicoma, o Dr. Weis pediu uma conferência com três médicos, no Centro de Serviços de Saúde Pública para o Contrôlo de Doenças, em Atlanta, Geórgia. Um deles era o Dr. Michael Hattwick, de 29 anos, especialista em hidrofobia. Hattwick vivia na expectativa de um caso como o de Matt, pois estava convencido — contrariando todas as provas da história da medicina — de que a hidrofobia podia ser tratada com sucesso.

Nesse mesmo dia, às 10,30 da noite, o Dr. Hattwick chegava ao Hospital Santa Rita. «Ele nos deu

esperanças», conta Verna, lembrando aquela noite negra. «Afirmava que Matt tinha todas as possibilidades de sobreviver.» Diz o Dr. Weis: «Eu não estava tão convencido das chances de Matt. Conhecia demais a terrível doença.»

Os dois médicos lutaram juntos na cabeceira de Matt até ao raiar do dia. Algumas vítimas da hidrofobia, disse o Dr. Hattwick ao Dr. Weis, sucumbiam não à própria doença, mas a complicações subsequentes. A raiva ataca o sistema nervoso, especialmente o cérebro, onde provoca uma inflamação. Afeta os pulmões e o coração, mas, sobretudo, a respiração. Em todos os casos de hidrofobia que ele acompanhara, disse o Dr. Hattwick, a morte resultara sempre da falta de respiração. O problema nos casos de hidrofobia é que todas as complicações parecem chegar ao mesmo tempo. Se pudessem ser tratadas no mesmo instante em que surgissem, concluiu o Dr. Hattwick, tinha de ser possível salvar o garoto.

Os Drs. Weis e Hattwick prepararam uma longa lista dos mais precoces sintomas de complicações que pudessem surgir em Matt. Enumeraram as principais providências que deveriam ser tomadas para enfrentar cada uma dessas complicações e certificaram-se de que o material necessário a cada tipo de tratamento estaria à mão. Acima de tudo, resolveram *não hesitar*.

Matt foi transferido para um quarto particular. Elétrodos aplica-

dos no seu peito controlavam os movimentos do coração. Havia um médico permanentemente à sua cabeceira e outro sempre pelas proximidades.

«Instituímos um sistema de duplo contrôle», diz o Dr. Weis. «O Dr. Hattwick e eu examinávamos Matt, separadamente, e depois comparávamos os resultados. Assim, tínhamos a certeza de não haver margem para enganos.»

A essa altura, Matt passava em semicoma a maior parte do tempo. Era um período de calma ilusória. Em todos os casos conhecidos de hidrofobia, uma crise fatal acabava sempre por desencadear-se. «Estávamos cada vez mais ansiosos», diz o Dr. Weis, «acêrca de quando chegaria a crise.»

Aguardaram todo o domingo e segunda-feira, dia animado pela volta do Dr. Stechschulte. Nessa noite, a crise manifestou-se, tão súbita e sorrateiramente que só um impulso accidental permitiu detectá-la.

Os Drs. Weis e Hattwick já estavam preparando-se para jantar, quando resolveram examinar Matt mais uma vez. Êste impulso pode ter salvo a vida do menino. A respiração e o ritmo cardíaco de Matt estavam apressados, embora êle dormisse. A sua face estava pálida e os lábios ligeiramente arroxeados — primeiros sintomas da falta de ar que já fizera tantas vítimas.

O Dr. Hattwick comunicou aos pais de Matt que precisaria de pôr

uma sonda artificial, para passagem do ar, na garganta do menino, a fim de garantir-lhe a respiração. Devido ao estado de fraqueza em que Matt se encontrava, a operação podia ser perigosa. Contudo, seria ainda mais perigoso se não agissem enquanto ainda havia tempo. Nick e Verna deram o seu consentimento, e Matt foi levado para a sala de operações.

A sonda surtiu efeito. «Já se notava a diferença nessa mesma noite», relembra o Dr. Weis. «Voltaram as côres ao rosto de Matt, o pulso e a respiração normalizaram-se. Estivemos sentados num barril de pólvora.» E, calmamente, acrescenta: «Hoje, parece que foi essa a decisão-chave do problema.»

Mas tal é a reputação da hidrofobia que ninguém acreditou que o pior já tivesse passado. Seus pais, os três médicos, as enfermeiras especiais—todos observavam Matt atentamente, dia após dia, noite após noite, nas suas constantes recaídas de sonolência, durante tôda a semana. Êle não conseguia falar e mal podia mover o lado esquerdo, aquêle em que fôra mordido pelo morcêgo. A sua coordenação geral era fraca e não podia alimentar-se sozinho.

No meio da semana, os médicos perceberam uma contração casual na mão esquerda de Matt e concluíram que poderia ser o primeiro indício de convulsões. Deram-lhe medicação anticonvulsiva, três vêzes ao dia. Os movimentos re-

grediram. Era mais uma crise debelada.

O estado geral de Matt estabilizou-se ao fim da semana. «A ansiedade permanecia», relembra o Dr. Weis, «pois repetíamos a nós mesmos constantemente: 'Foi tudo muito fácil, lógico demais.' Todos nós esperávamos que o primeiro caso de sobrevivência à raiva fôsse mais dramático.»

Matt ficou três meses no hospital. Lentamente, começou a vencer a sonolência, a recuperar a fala normal e tôdas as suas capacidades motoras. À medida que se espalhava a notícia da vitória de Matt, a imprensa acorria para vê-lo. Em 27 de janeiro de 1971 — dia do sétimo aniversário de Matt e o dia em que, finalmente, teve alta e pôde voltar para casa, êle compareceu à sua maior entrevista coletiva. O Dr. Stechschulte

descreveu o seu estado: «Matt está livre de todos os sintomas da infecção que o atingiu», comunicou êle aos jornalistas, «e não apresenta qualquer efeito residual secundário. Mostra-se tão normal e ativo como qualquer outro menino da sua idade.»

Como se realizou o milagre? O Dr. Hattwick resumiu-o numa palestra que fez a um grupo de enfermeiras, antes de dar o caso por encerrado. «Esta criança», disse êle, «nos trará provàvelmente mais conhecimentos sôbre a hidrofobia do que tudo o que se acumulou a êsse respeito nos últimos 2.000 anos. E, no entanto, não houve realmente qualquer mágica naquilo que realizamos. Matt não recebeu drogas milagrosas. Tratamos de um concreto problema médico, e o fizemos de maneira concreta e objetiva.»



HÁ na nossa empresa um jovem engenheiro que aproveita tôdas as oportunidades possíveis para agradar o patrão. Recentemente, durante uma caçada, o patrão telefonou para falar com o nosso contador. Sempre atento a uma ocasião para «puxar», o nosso jovem colega pediu: «Pergunte-lhe se precisa de mim para alguma coisa.» «Sim», respondeu o contador, muito sério. «Quer saber se você sabe nadar com um pato na boca.»

— L. A. R.



UM VIGÁRIO de Norfolk disse a uma paroquiana já idosa que em breve se aposentaria, e teria muita pena de ir embora. «Mas», assegurou-lhe, «com certeza acharão alguém melhor para me substituir.» «Não necessariamente», respondeu a mulher, querendo ser simpática. «Isso foi o que nos disse o último pároco antes de ir embora.»

— «Peterborough», *Daily Telegraph* de Londres

"Entre Aspas"

NADA amassa mais os louros do que deitar sôbre êles.

— F. P. J.

TENDO de optar entre mudar de idéias ou provar que não há necessidade disso, quase todos começam a ocupar-se com a prova.

— *John Kenneth Galbraith*

O MODO como aumentam os preços das consultas médicas é suficiente para adoecer qualquer um — se tiver dinheiro.

— B. V.

HOMENS de primeira classe empregam homens de primeira classe; homens de segunda empregam homens de terceira.

— L. R.

SE ENCONTRAR um caminho sem obstáculos, provàvelmente não leva a lugar algum.

— F. A. C.

OS ECONOMISTAS dizem que o estudo universitário aumenta consideravelmente o rendimento do indivíduo — que depois gasta tudo com os estudos universitários do filho.

— E. W.

QUANDO nos ocorre algo de mau, não temos o direito de perguntar: «Por quê eu?» — a não ser que façamos a mesma pergunta para cada coisa boa que nos acontece.

— P. S. B.

SE os adultos não achassem sempre que devem usar uma armadura, a juventude não estaria sempre à procura de falhas nela.

— S. J. H.

AS COISAS mais importantes da vida não são coisas.

— F. C. C.

ESTOU cansado de ouvir dizer que a democracia não funciona. É claro que não funciona. Nem deve mesmo funcionar. Nós é que devemos fazê-la funcionar.

— *Alexander Woolcott*

O VERDADEIRO idealista busca o que o coração lhe diz ser verdade de uma maneira que a cabeça diga que dá certo.

— *Richard Nixon*

QUANDO um colunista político diz «todo o ser pensante», refere-se a si mesmo. Quando um candidato apela para «todo o eleitor inteligente», refere-se a todos aquêles que vão votar nêle.

— *Franklin P. Adams*